



REVISTA AMERICANA

PUBLICAÇÃO SCIENTIFICA, ARTISTICA E LITTERARIA



COLLABORADORES

ALBERTO D'OLIVEIRA. — ARTHUR AZEVEDO. — ARTHUR BARREIROS.
 DANTAS BARRETTO. — EZEQUIEL DE MACEDO. — FONTOURA XAVIER.
 FRANKLIM DE LIMA. — FREDERICO SEVERO.
 JOSÉ DO PATROCINIO. — LINS D'ALBUQUERQUE. — LOPES TROVÃO.
 LUIZ LEITÃO — LUIZ ZAMITH. — MARIO. — PEDRO IVO.
 RODOLPHO PAIXÃO. — THEOPHILO DIAS. — URBANO DUARTE.
 VICENTE DE SOUZA.

Alem dos collaboradores que apresentamos, muitos dos quaes já vantajosamente conhecidos na imprensa e na tribuna de paiz, contamos com outros, de quem não poderiamos dispensar o valioso auxilio sem ficarmos com um claro em nossas fileiras, bastante sensivel.

4173
52



ANNO I. — TOMO PRIMEIRO

RIO DE JANEIRO

Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artistico

61 — RUA D'AJUDA, FLORESTA — 61

1878

APRESENTAÇÃO

Nascemos sob a influencia de uma profunda revolução mental.

Os primeiros artistas e escriptores da renascença, quebrando os laços que os prendiam á theologia christã, encaminharam a humanidade para uma nova phase, em que o direito deixou de ser a vontade caprichosa dos soberanos, para constituir o principio eterno da justiça e da verdade. Já essa grandiosa revolução contava um seculo de existencia, na Europa, quando Colombo, impellido pelos seus rapidos effectos, tocava em terras do continente americano.

Um mundo novo, portanto, passava ao dominio das continuas investigações dos sabios e dos philosophos. A estes acontecimentos prenderam-se outros de extrema importancia: Vasco da Gama abre as portas dos mares, até então cerradas, e franqueia larga via de communicação, entre a Europa, Asia e Africa. Desenvolve-se com intensidade o commercio entre esses povos, estreitados pela navegação, enquanto Cabral, que prosegue nas descobertas do grande navegante portuguez, seu digno compatriota, desperta, casualmente, de um somno de milhares de seculos, o indio colossal que, depois, chamou-se Brasil. Então, por toda a extensão do novo territorio americano, ergueu-se o symbolo das armas portuguezas: dahi em diante o selvagem, que, mergulhado em densa e profunda treva, vivia sem consciencia de si e sem consciencia dos elos de amor e de trabalho, que constituem a corrente das relações humanas,

começou a receber os primeiros raios de luz das civilizações europeas. O acaso, pois, constituiu-nos um povo; e em todas as evoluções porque temos passado, desde os tempos coloniaes, appareceram homens que, pela dedicação ao trabalho, pelo amor ao estudo e á liberdade, tornaram-se recommendaveis á posteridade, e, cujos nomes illustres, adornam as mais bellas paginas do livro de nossa historia.

Todas as gerações que nos precederam tiveram os seus representantes nos diversos ramos do saber humano, e estes, como os interpretes do seu tempo, deixaram-nos preciosos documentos, que hoje nos servem de guia no julgamento que fazemos do passado. A geração actual, porém, como que mergulhada em profundo indifferentismo, com raras excepções, tem-se conservado inteiramente estranha ás agitações e movimentos da sociedade brasileira; de forma que dorme-se pesadamente, enquanto milhares de phenomenos sociologicos da mais alta significação para uma sociedade organizada, vão passando sem indagação e sem o mais ligeiro commentario.

Em politica, como em sciencias e lettras, tudo tem para nós um unico e mesmo valor. Não se distingue o bom, do máo; ha uma confusão que não se comprehende! Uns querem ser deputados sem a menor consciencia de similhante pretensão, sem que ninguem os conheça da imprensa ou da tribuna, sem o mais vulgar criterio politico, sem escola e sem ideias; outros exaltam o *atheismo* de Voltaire ou o materialismo de Buchner e dizem-se positivistas; e, afinal, caminham todos sem um ponto objectivo para onde se dirijam.

São viajantes perdidos nos brancos areiaes da Syria; caravanas que andam do oriente para o occidente, do norte para o sul, indifferentemente, até morrerem extenuados nos desertos da intelligencia, no vacuo insondavel da mais desordenada subjectividade.

E' para protestarmos contra tal estado de coisas, enquanto é tempo, enquanto não attingimos a um completo desmembramento em todas as nossas relações sociaes, que hoje nos apresentamos ao publico brasileiro.

Precisamos fazer com que a Europa se acostume a olhar para nós, com a mesma attenção com que ha muito tempo olha para os nossos irmãos dos Estados Unidos do norte; e, para isso, é necessario que tenhamos sciencia, letras, artes e industria; que graduemos esse thermometro de todos os tempos, por onde sempre se conheceo o grão de adiantamento e civilisação de um povo.

Precisamos estudar a nossa época, com os seus costumes, por todas as faces do prisma em que ella se nos apresenta, afim de legarmos tambem aos nossos vindouros, dados positivos do meio social em que vivemos. Trabalhemos, para que não se passe um dia, sem que a bibliotheca das letras brasileiras mencione em seu catalogo, uma producção nossa; para que as invenções proveitosas á humanidade se succedam com frenesi, e teremos cumprido a nossa missão.

Mostremos que não somos indifferentes á revolução porque passa o mundo ha quinhentos annos. Façamos com que as fortalezas se transformem em observatorios astronomicos, os canhões e as espingardas em livros, os quartéis e as igrejas em escolas publicas. Trabalhemos muito, embora tenhamos de succumbir ao peso dos nossos esforços, mas trabalhemos desinteressadamente: formemos um centro de forças e tentemos levantar o nivel moral e intellectual do nosso desditoso paiz.

Aqui, nesta modesta tenda dos trabalhos da intelligencia, acolheremos a todos os que nos quizerem coadjuvar na propagação de luz que faz-se necessaria, afim de desterrarmos, para bem longe, a treva que nos envolve ainda. Contamos, para isso, com a mocidade que tem fé no presente e esperanza no futuro, e com aquelles que ainda não perderam o amor e a crença da liberdade e do progresso.

Se, porém, a sorte que nos aguarda tiver um effeito negativo, ao menos a nossa tentativa, se algum dia for lembrada, será um protesto energico contra o estado de ruinas que já divisamos.

Rio de Janeiro, 14 de Setembro de 1878.

QUESTÕES DE ECONOMIA POLITICA



Adam Smith, o philosopho economista, resumio, em uma palavra todo o fundamento de uma grande sciencia.

A questão que se lhe propoz foi :

O que produz a riqueza ?

Perguntar assim seria perguntar :

O que produz a industria, o que gera o commercio, o que fixa capitaes, o que os faz circular ?

Adam Smith respondeu á synthese a *riqueza* com uma palavra que é outra synthese — o trabalho.

De facto : Cavai, revolvei, preparai a terra, entregai-lhe methodicamente, pensadamente a semente, o vegetal... tereis a agricultura iniciada, o que é a forma originaria do trabalho.

Retirai depois os productos dessa semente ; retirai os vegetaes, preparai-os para a utilidade vossa, para a utilidade alheia, para a utilidade de muitos, e havereis estatuido uma resultante da agricultura — a industria.

Trocai esses productos de que não careceis muito, ou de que tendes excesso, por outros que o vosso visinho preparou por sua vez, por sua actividade, por seu esforço ; ampliai essa troca ; levai-a ao proximo, ao remoto, e ahi está determinado o — commercio.

Acontece que vosso visinho, que o estranho, o remoto não tem productos a trocar ; que foi para assim dizer improductivo... mas ha uma necessidade da vossa utilidade que estende-se á utilidade alheia por outra necessidade... então organisai um meio, resolvei um valor ; julgai-o real, equivalente ao vosso producto, e fazei a moeda ; o titulo de credito : o valor nominal.

Tereis chegado ao valor, que vai gerar os capitaes.

Convencionai-o de um modo geral : depois utilisai-o, fazei-o um elemento geral de troca, porque de convenção ; e assim tereis deter-

minado a circulação dos productos, e, pela circulação dos valores os capitaes em circulação.

Mas o que é a moeda ; o que é o dinheiro ?

Será uma outra mercadoria ?

Será, como dissemos, um signal representativo de valores ?

E ao que, em tempo, temos de responder.

..

Essa circulação, essa troca desenvolvida, generalizada, universal, interrupta... eis a riqueza.

E' donde veio ? Donde nasceu ?

Como desenvolveu-se ? Que meios a conduziram.

O trabalho... e só o trabalho.

E é por isso que Adam Smith, o grande pensador, disse uma grande verdade ; e é por isso que Proudhon um *utopista*, um *visionario*, conquistou adeptos, convenceu a duvidosos, e obteve uma immortalidade.

Considerai no trabalho os processos das artes, os empregos dos braços, o fim dos utensilios, a utilidade das machinas, e desse complexo fazei resultar a *mão de obra* ; eis o *elemento tecnico*, que não é menos o trabalho.

Formulai depois leis de producção, de organização do trabalho a que chamastes industria, e essas leis, esses meios de organização vem dar-vos uma sciencia, a Economia Politica.

Ides talvez dizer que a Economia Politica é uma sciencia invenivel, porque universal em seu ambito, insuperavel em seu objecto pelo espirito humano, em sua pequenez cognoscente para a universalidade.

Estais simplesmente enganado.

As leis têm applicação ; as applicações exigem conhecimento das theorias... e acreditais por isso que para fallar da industria em suas applicações, é força possuir conhecimentos fixos, completos da physica, da chimica, da mechanica ; que é necessario descer ao interior do planeta com a geologia ; subir ás orbitas planetarias atravez dos climas, atravez da atmosphaera ?

Se assim fora terieis o impossivel...

E então ?

O que o *economista* deve ter é a relação dos factos resultantes com os principios que os produzem.

Senão amanhã, em vossa escola, em vossas academias, terieis os vossos bons mestres de Economia Politica forçados ao abandono das leis de producção, dos principios de organização do trabalho.

Conheceis elementos de muitas sciencias ; o vosso espirito adquiriu, para assim dizer, os meios, as relações, agora resta-vos sem aprofundar aquellas, que forçar-vos-hia cada uma a certa especia-

lidade, fixar-vos ao estudo da *Economia*, que dá-vos as leis do trabalho, a sua organização d'elle.

Um grande mestre escreveu :

« A *Economia*, como a sciencia dos numeros é uma serie de proposições abstractas susceptiveis de desenvolvimento e de systematização, independente da pratica ; é uma dessas sciencias *mães*, porque comprehendendo em sua generalidade uma ordem complexa de factos, preexistem nesses mesmos factos que dirigem, e podem ser construidas independentes da sancção da experiencia.

« E conclue : Os processos de execução (*mão de obra*) constituem a *technographia* ; a producção e a distribuição das riquezas formam constituintes a *Economia Politica*.

V. DE S.



INSTITUIÇÃO NACIONAL

Ha dois grandes elementos à fundação e subsistencia das sociedades: um poder social; uma faculdade de utilisal-o, que é um direito.

O primeiro resulta da collectividade tendendo à união; é o segundo o resultado dessa união fazendo concessões.

Estas concessões estabelecidas, effeitos convencionados, depois de convencionaes, pelos reunidos, geram para o posterior fundamentos julgados e aceitos, o que é tido por um direito denominado social.

Ampliai-o; imaginai a liberdade moral de cada um concorrendo à liberdade de muitos, à liberdade de todos, e, por effeito proprio, o homem individual cedendo alguma cousa para o homem social; dilatai o homem social, no exercicio de suas faculdades; no exercicio de suas concessões... tereis chegado à organização nacional, e pois a nação... e, si pudesseis levar ao extremo a organização nacional, estenderieis de certo ao pacto paterno da universalidade dos povos. E' isso possivel?

Por logica, e em parte é; por pratica e em todo não o foi ainda.

E então porque?

Existem discriminadas, separadas, muita vez, oppostas, antagonicas, desaffectedas, inimigas... as collecções sociaes appellidadas nações.

O que as separa? O que as oppõe umas às outras; o que é que as enreda; o que é que as inimiza? O solo, o clima, os costumes, os habitos, as linguas, as religiões... talvez cada um desses factos em si; talvez todos esses phenomenos em corpo.

Outros podem ser tidos, conhecidos, provados, e eil-os: a selvageria nos povos embrutecidos; a ambição nos povos civilisados.

Para ter o primeiro, basta não ter conhecido ainda a corrente insuperavel de uma idéa maior do que os seculos, — a civilisação, que educa.

Para sujeitâr-se ao segundo, que é uma veracidade ao espirito, basta ter falsamente recebido a educação incompleta, que é uma civilisação pequenina e ruim.

..

Estais d'ahi a dizer que declamamos... ides ver.

Appellai para a configuração do territorio e dizei com os mestres paradoxaes; não ha sociedade, propriamente dicta, senão em habitantes do mesmo solo.

Está nisso uma verdade?

Para os exclusivistas, de certo; para os progressistas, absolutamente, não.

Quereis exemplos? Na propria America: Porque estamos estrevados de tantos outros irmãos?

O que é que organisou tantas nações no vasto territorio? Uma idéa falsa dos antigos dominadores — o exclusivismo do conquistador gerando o exclusivismo do conquistado.

Supponde que um povo heróe, mas sem a brutalidade, que é a força violentando; mas sem a guerra que é a força, chegando ao extremo; mas sem a conquista que é a brutalidade, que é a violencia, que é o roubo, que é a desolação, que é a morte, que é o pavor, que é, em uma palavra, um pelago de sangue produzido por um oceano de cadaveres; supponde que um heróe multiplicava-se, estendia-se, apresentava-se aos selvagens educaveis, com as mesmas leis, os mesmos principios, as mesmas doutrinas, desde o Bhering até o Magalhães; desde o Atlantico até o Pacifico; de serra á serra; de cordilheira, á cordilheira, de systema a systema;

Supponde que a elle acompanhavam homens civilizados, o que é a grande educação; que esses pensavam com elle; que sentiam por elle; que queriam por elle... e, quando os seculos contassem as idades, terieis o *territorio* aniquilado diante da unidade moral, diante da unidade social; e terieis a negação dessa proposição dos pretendidos mestres — a primeira condição da existencia nacional é a configuração do territorio.

E' para nós um paradoxo: a paternidade é o maior e mais generoso pensamento de nacionalidade... e a fraternidade universal exclue aquella proposição.

Ides dizer talvez que é uma utopia... todos os grandes futuros são assim.

Estais a dizer que não.

Fallasseis a Cyro, a Philippe, a Alexandre, e negasseis o direito de conquista, serieis apupado, porque um louco; ou sentenciado porque um criminoso.

E hoje a conquista não tendo mais força de direito recorreu a uma violencia que não vencerá os seculos, o direito da força.

E' uma realidade porque é um facto.

..

Ides ver ainda e sempre os falsos principios: A segunda condição é a unidade da raça, porque *homens de raças differentes não podem formar uma nação.*

Aceitais por verdade? Talvez.

Então sois contradictorios e nós vos mostraremos até a convicção.

V. DE S.



A IMPRENSA

(AO SR. QUINTINO BOCAJUVA)



Quando ella partio do cerebro de Guttemberg audaciosa, forte e armada como Palas da cabeça de Jupiter, o mundo estremeceu de jubilo e bateu palmas á sua apparição; porque ella vinha assignalar um facto brilhante na historia da revolução e do progresso, porque ella era um raio de luz que vinha esclarecer um cahos.

Os grandes corações, as almas sempre voltadas para luz receberam-na com as saudações de seu enthusiasmo: só as almas vis, as pequeninas almas que vivem a espreitar nas trevas odiaram-na, porque não a podiam fitar de perto.

D'ahi a guerra incruenta contra a imprensa. A igreja procura por todos os meios a seu alcance e por intermedio de seus ministros assalariados, poluir o seio branco da virgem, e o que é mais em nome de *Deus* e do *altar!*

Então principiou ella, a foragida sublime, a sangrar os pés em todos os espinhos de um pólo a outro pólo.

Martyr de uma idéa santa foi povoar as minas da Siberia com os companheiros valentes de Mickiewich.

Martyr ainda do seu devotamento não trepidou em acompanhar as victimas do Santo Officio aos subterrânos infectos e as torturas da fogueira.

Revolucionaria, subiu ao cadafalso com os gigantes de 89 e 93.

Apezar de tudo, de todas as perseguições, de todos os martyrios de todas as mortes para resurgir mais forte, nada é capaz de lhe aquebrantar as forças; ella vai traçando o seu gyro esplendido na orbita das civilisações modernas.

O espirito do mal com o maior empenho, procura em todos os

paizes apoderar-se da arma potente do jornalismo, brandindo-a em seu proveito com cabal prejuizo da humanidade.

Pennas venaes por meio da maravilhosa invenção, que poderiam ser sempre um poderoso instrumento do bem, tentam elevar a cathogoria de principios : a corrupção, a mentira e a calúnia !

Mesmo em nosso paiz, tão novo ainda e que aspira um lugar de honra no banquete das nações civilizadas, elle que occupa um territorio immenso na livre America, em nosso paiz repetimos temos sido testemunhas de tão nefanda profanação !

Muito devemos a Luthero porque soube comprehender a força que ha de dominar o mundo, a idéa que ha de cantar victoria sobre os prodigios da força bruta.

Muito tambem devemos a Descartes, Rousseau e Voltaire porque nos patentearam, aquellas almas gigantes, os thesouros occultos do pensamento.

Muito mais devemos ao genio immenso de Guttemberg, que dotou o mundo com a verdadeira clava com que podemos combater a hydra do preconceito e do fanatismo, indignos da nossa época.

Votamos immenso respeito ao homem corajoso, que erguendo a tribuna á altura de um principio e na assembléa ou na praça publica faz de sua palavra uma lamina e a vibra em defeza dos direitos de seus concidadãos.

Curvamos a nossa frente perante os dois eminentissimos vultos do nosso tempo : Gambetta e Emilio Castellar, pois que elles dão com os seus verbos eloquentes a sua alma em prol da idéa democratica.

E'-nos, porém forçoso confessar, devemos muito mais gratidão, ao cidadão laborioso, ao modesto obreiro que deixa todos os prazeres que a sociedade lhe póde facultar e no silencio do seu gabinete de trabalho transforma a sua penna em uma alavanca, para elevar o edificio social ao nivel do progresso do seculo.

A palavra fallada por muito que faça, nunca poderá fazer em nosso proveito o que faz a palavra escripta. Ha discursos, é verdade, que deixam no audictorio impressões bem fortes, mas que bem depressa se apagam ; ao passo que onde existe um livro e um jornal, ha sempre uma aspiração e um conselho ; ha sempre uma voz que brada sem cessar : *trabalha e caminha !*

Nós que somos moço e americano, que temos muita fé na mocidade a nossa irmã de crenças, não podemos conter um brado de saudação á Imprensa ! Saudamol-a porque auguramos que ella ha de ser a columna de fogo que nos ha de guiar a terra promettida.

Ao cidadão a quem offerecemos este pequeno artigo, pedimos desculpa pelas incorrecções que por ventura n'elle encontrar.

Rio, 20 de Agosto de 1878.

L. D'ALB.

EMILIO ZOLA

ESTUDO BIBLIOGRAPHICO

Vamos tratar de um dos talentos mais vastos do seculo actual, e de um dos autores que mais injustamente tem sido julgado no Brasil.

A má fé, ou a falta de conhecimento das obras de Emilio Zola, tem feito com que o seu nome e o titulo de um dos seus treze romances, o *Assomoir*, tenha servido para caracterisar uma escola, não realista como lhe chamam, porém obscena como querem que seja.

Publicando o presente estudo, cumprimos o dever de provar publicamente a nossa admiração por este fecundo talento e ao mesmo tempo envidar os nossos esforços para que se lhe faça a justiça que merece.

Em geral é costume no Brasil julgar os autores estrangeiros, por uma qualquer de suas obras que chega ás mãos dos criticos juramentados e reconhecidos, baseados unicamente n'essa producção dão elles o seu juizo fantasista, não só sobre tudo o que o autor tem escripto, como até sobre o seu estylo, e ainda mais, sobre o futuro de suas obras ; seria estúpido, se não fosse triste e ridiculo.

Vamos provar facilmente o que avançamos : Zola publicou os treze volumes abaixo, só de romances :

La confession de Claude.....	1865
Le vœu d'une morte.....	1866
Madeleine Férat.....	1866
Les Mystères de Marseille.....	1867
Thérèse Raquin.....	1867
La fortune des Rougon.....	1871
La curée.....	1872
Le ventre de Paris.....	1873

La conquête de Plassans.....	1874
La faute de l'abbé Mouret.....	1875
S. Ex. Eugène Rougon.....	1876
L'Assomoir.....	1877
Une page d'amour.....	1878

isto é treze volumes, em treze annos; no entanto um autor d'esta maravilhosa fecundidade foi julgado e condemnado entre nós, apenas pelo *Assomoir*, romance que occupa o setimo lugar n'uma obra variada e complexa como abaixo diremos.

E não se diga que o *Assomoir* é a unica obra do autor que mereça critica, porque seria uma falsidade, pois o romance de Zola que tem menos edições é *La conquête de Plassans* que está na oitava.

Creio que isto é concludente.

N'este artigo tentaremos apenas lançar um rapido golpe de vista sobre a collecção de romances de Zola que elle intitidou— *Les Rougon-Macquart, Histoire naturelle et sociale d'une famille sous le second empire*. Fazem parte d'esta collecção os oito ultimos volumes da lista que demos acima. Esta vasta obra deve constar, segundo promete o autor, de vinte volumes mais ou menos: cada volume fórma um romance separado, que, posto tenha intima ligação com todos os outros, pôde ser lido por si só, formando uma obra quasi que independente.

O ultimo volume publicado, *Une page d'amour*, traz uma arvore genealogica da familia *Rougon-Macquart*, da qual o autor se tornou o historiador, e por ella vê-se que a accusação que lhe fizeram de visar ao escandalo, mostra apenas profunda ignorancia do plano de Zola.

Esse plano que só podia ser desenvolvido por um talento de robustez excepcional é o seguinte: explicar como uma familia, um pequeno grupo, se comporta n'uma sociedade, dando nascimento pelo seu desenvolvimento a um grande numero de individuos, que parecem profundamente dissimelhantes, mas que a analyse e o estudo mostram intimamente ligados.

Com effeito a physiologia tem demonstrado concludentemente que a hereditariedade segue leis inflexiveis e mathematicas.

O grupo que Zola estuda é caracterisado pela insaciabilidade de todos os gozos materiaes, pela funda ambição de poder e de riqueza, cunfim por todos os vicios das sociedades modernas.

Essa familia é estudada physiologica e historicamente.

Physiologicamente é o estudo da lenta successão de accidentes nervosos e sanguineos que apparecem n'uma raça em consequencia de uma primeira lesão organica, e que, segundo o meio em que se move o individuo, determinam todas as manifestações humanas, naturaes e instinctivas, que se appellidam virtudes ou vicios.

Historicamente é o estudo da marcha de homens do povo, que infiltrando-se por toda a sociedade contemporanea, sobem até ás mais altas posições, por meio

do impulso essencialmente moderno, que recebem as baixas classes movendo-se através o corpo social.

Ajudado por esses dramas individuaes o autor relata o segundo imperio, desde o crime do golpe de estado de Dezembro, até á traição de Sedan.

Zola preso a este vasto plano foi obrigado fatalmente a dar-nos romances como o *Assomoir* em que a heroína Gervaise é impellida até aos ultimos degrãos da bestialidade humana, pela fatalidade de seu temperamento e pela degeneração e decomposição do meio em que vive.

O autor fazendo que os seus personagens se movam no periodo dos vinte annos do baixo imperio bonapartista acha-se em plena decomposição social.

Collocados os seus heróes n'um meio são e robusto, ha reacção contra a natureza morbida, o temperamento póde ser dominado e apparecem homens honestos.

Quando Zola obriga os seus personagens a seguirem o bem ou o mal por uma fatalidade physiologica, faz apenas uma concessão á hypocrisia humana.

Os caracteres e os incidentes são tão reaes e verdadeiros, que, dado o meio em que os seus typos vivem, os actos que praticam não causariam admiração mesmo praticados fóra da influencia do temperamento, e o autor está tão convicto d'isso que dá-nos typos eminentemente naturaes, como Renée da *Curée*, o abbade de Faujas da *Conquête de Plassans*, Coupeau e Lantier do *Assomoir* e Clorinde de *S. Ex. Eugène Rougon*, que estão na altura dos demais personagens e que comtudo não têm uma nevrose hereditaria a compellil-os para o mal brutalmente e quasi contra a propria vontade.

O que tem feito corar pudicamente os criticos ao ler as obras de Zola, não é, no maior numero de casos, mais do que a propria imagem reflectindo-se bruscamente no espelho que lhes apresenta o autor.

Se o quadro tem sombras cruás, é triste dizel-o mas é verdade, é porque as photographias tambem as têm, e Zola não fez mais do que photographar a natureza humana em todos os seus estados de grandeza ou rebaixamento.

O unico romancista dos tempos modernos que póde ser comparado a Zola é talvez Balzac e comtudo se ha entre elles pontos de contacto, ha tambem profundas dissimilhanças.

Balzac retratou ás vezes perfeitamente a sociedade em que vivia, n'outras occasiões porém deixou-se arrebatado pelo seu enthusiasmo e a sua força e foi além do ponto que visava. Muitas vèzes Balzac esquece-se que está pintando a vida real, a sua imaginação arrebatado-o, o molde estala, e a consequencia é dar-nos personagens completamente falsos, maiores do que o natural, um^a Duqueza de Langeais, um Vautrin e tantos outros typos da *Comedia humana* que não existem e nunca existiram felizmente na vida real; Zola governa melhor a sua imaginação, os seus personagens vivem, encontramos muitos d'elle^s a todo o momento na vida real e o romancista creou typos nos quaes a historia ha de collocar o nome sem hesitação.

Emquanto Balzac emprega apenas dezeseite volumes para pintar-nos toda a sociedade de seu tempo, Zola promette-nos em vinte volumes tratar de uma unica familia e n'um periodo de menos de vinte annos; comprehende-se pois que este deve dar mais vida a seus personagens, tratar d'elles com mais minuciosidade, enfim cingir-se melhor ao assumpto.

Quando Balzac teve a idéa de prender entre si todos os romances da *Comedia humana* já metade da colleção estava escripta, ha n'ella e nota-se facilmente falta de unidade e de homogeneidade; o mesmo não acontece em Zola, que, antes de escrever a primeira linha de seu primeiro romance tinha o seu plano formado e a arvore genealogica da familia preparada.

Longe de nós a idéa de rebaixar a obra de Balzac, ou mesmo de collocal-a abaixo da de Zola, queremos apenas comparar as produções de um e de outro autor e notar-lhes as differenças ou as semelhanças.

Entre elles ha a grante differença dos meios em que viveram: Balzac escrevendo logo depois da revolução de 1830, quando a litteratura exercia uma forte influencia sobre a sociedade, quando a escola romantica estava no seu apogeo, desafiava todas as iras que hoje se accumulam contra Zola.

Os personagens de Balzac, posto que ainda ás vezes de convenção, destoam mais dos heróes do romantismo do que hoje os de Zola destoam dos seus.

Zola escrevendo agora e para França, que depois da grande catastrophe porque passou quer saber todas as causas que a levaram até a borda do abysmo, devia com effeito relatar os vicios dos vinte annos do segundo imperio; devia pintar o desmoronamento da familia pelo padre, o rebaixamento do povo pela delação e pelo terror, o embrutecimento do operario pela ignorancia e pela embriaguez, a desorganisação moral, social e politica do paiz pela corrupção e pela perseguição dos espiritos independentes.

A obra de Zola é verdadeiramente uma obra de combate, elle segue em todas as camadas sociaes esses mil agentes dissolventes.

De certo esses livros não pôdem ser modelos de decencia que se offereçam para leitura de meninas de quinze annos, porém d'ahi a serem obscenos, como alguém os appellidou, ha um abysmo; por mais pudico que seja um homem nunca corará lendo qualquer dos romances de Zola.

Entre elles e as obras de Belot e outros ha differenças extremas; entre o romancista que visa ao escandalo pelo escandalo, que faz das scenas licenciosas um meio de attracção, e o romancista que relata fiel e minuciosamente tudo quanto se passa na vida real, que posse caracterisar um meio, um povo, uma sociedade, um individuo, ha differenças radicaes.

Comparar Zola a Belot é demonstrar completa ignorancia das obras de um e outro autor, é tornar-se echo de criticos maledicentes que servem-se de todos os meios para abalar o pedestal do grande romancista.

Ha livros como *Mlle. Giraud ma femme* e outros que nunca deviam ter sido escriptos.

Qualquer dos romances de Zola, é mais decente e sobre tudo mais moral do que muitos de Balzac, por exemplo: *La fille aux yeux d'or*, *Sarrasine*, *Vautrin*, etc,

A leitura das obras de alguns romancistas idealistas, Lamartine por exemplo, é mais pernicioso do que as de Zola; *Raphael* aquelle livro enervante e sensual, onde o amor é forçado a ser casto, porque Julia morreria da ruptura de um aneurisma ao primeiro beijo de amor, é profundamente immoral, vê-se claramente que sem aquella fatalidade physiologica, Julia atirar-se-hia nos braços de Raphael trahindo sem remorsos seu marido que ella chama seu segundo pae; em *Regina* aquelle amor que nasce sobre uma sepultura, que não é mais do que a transmissão da amizade que ligava Regina e Clotilde é falso e impossivel.

A amizade mesmo das duas moças não é natural, é mais do que isso, parece amor.

Emfim em todos os romances de Lamartine sente-se uma enervação, um sopro sensual e lascivo que nos faz deixar o livro com o espirito perturbado, para proeurar uma obra viril e forte que faça vibrar outras fibras de nosso ser.

Ha romancistas que têm a fama de honestos, castos e moraes e que são muito mais perniciosos do que Zola; um facto francamente dito, uma palavra valentemente escripta, fazem mil vezes menos mal do que uma hypocrita linha de pontos que faz viajar a imaginação por umas alcovas mysteriosa e voluptuosamente illuminadas, uns cortinados hermeticamente fechados; e outras *ficelles* dos romancistas honestos. A accusação de immoralidade cahindo sobre Zola indica que não ha conhecimento do seu plano grandioso e monumental; cada romance foi escripto quando chegou a sua hora e como as circumstancias o fizeram; como descrever uma época, como caracterisar uma sociedade, sem mostrar-lhe tanto as boas como as más faces, sem mostrar as generosidades e as baixezas? como dizer o que é o povo sem descrever as consequencias do abandono do trabalho, da embriaguez e do vicio, bem como mostrar até onde se pôde elevar o homem honesto, trabalhador e corajoso? para que repetir todos os dias a mentira? para que dizer ao povo que elle é grande e nobre, que só elle conserva os grandes sentimentos? para que não lhe apontar o abysmo onde tombam os que não trabalham e os que não pensam no futuro?

O autor que seguir a senda erronea que os criticos honestos e quasi sempre beocios desejam, será um romancista agradável, um romancista lido, um romancista moral, já que assim o querem, mas nunca será um homem util; então voltemos aos romances de Cavallaria, deem-nos Carlos Magno e Roldão; deem-nos os Tres Mosqueteiros ou melhor ainda qualquer obra de um Ponson du Terrail qualquer.

O espirito humano quer hoje alguma cousa mais substancial do que esses livros de imaginação.

A sociedade moderna quer que lhe fallem dos grandes problemas sociaes; quer que lhe apontem o que se passa nas outras classes hoje que não ha mais linha divisoria, senão a do talento e a do trabalho; no grande nivelamento das castas, o povo quer conhecer o lado fraco da burguezia e da nobreza, e o romancista que faz isto, que não se occupa em escrever para agradar, mas para mostrar a verdade é um homem util.

Sainte-Beuve, o grande critico disse: *Heureux le roman, fut-il inégal, où il y a de la vérité*; e em Zola ha unicamente verdade.

Quando Molière atirou o *Tartufo* á face do seu seculo hypocrita, prestou maior serviço á humanidade do que Racine escrevendo *Athalie* e *Esther* para as pensionistas de Saint-Cyr; para que negar hoje o merito de obras verdadeiras, quando applaudimos a coragem de Molière? Ha incoherencia flagrante.

Coroem na Academia Julio Sandeau porque mostrou-nos em *Magdalena*, uma provinciana vindo arrancar um pobre rapaz das garras das sercias de Paris, mas não insultem Zola que quer livrar a geração moderna do mal que esphacelou a geração que finda.

Applaudam Feuillet que na *Petite Comtesse* mostra a mulher prostituindo-se por despeito, mas sejam coherentes não velem a face vendo em Zola a mulher prostituir-se por aborrecimento.

Feuillet que descreve a abjecção elegante (permittam-nos juntar estas duas palavras) que deu um desenlace absurdo e illogico a *M. de Camors* para agradar á hypocrisia humana, seja embora o romancista dos salões, Zola será o romancista do povo e do pensador.

Quando Goncourt na *Fille Elisa* mostrou o estado a que a sociedade moderna reduzio a mulher do povo, sem educação, levando-a da prostituição ao crime, do crime á loucura, e da loucura á morte; todos os burguezes barrigudos, todos os criticos imbecis, sentindo a digestão embaraçada por aquelle livro triste e desolado como uma pagina do *Inferno* de Dante, porém verdadeiro da primeira á ultima linha, bradaram que era um livro indecente e immoral; o pensador porém e o legislador sentiram desvendarem-se novos horisontes e novos deveres.

Duvido que haja um operario que vá embrutecer-se na taverna deixando em casa a mulher e os filhos sem pão, no dia em que ler o *Assomoir*, e nem que fosse esse o unico merito de um livro só por essa vantagem estaria absolvido de todas as suas audacias.

Concluiremos esta primeira parte de nosso artigo citando as palavras do abalisado critico Saint-Marc Girardin, que mostram exuberantemente que Zola comprehendeu maravilhosamente a alta missão da litteratura, diz o supracitado autor: *En France plus que partout ailleurs la littérature et la société ont marché de concert, la littérature précédant le plus souvent la société, l'annonçant ou la créant, parfois la société contenant et réglant la littérature.*

(Continúa)

LUIZ ZAMITH.

LITTERATURA BRASILEIRA

Do estudo comparado da historia litteraria dos differentes povos do mundo, tem se deduzido como consequencia immediata, a lei fatal de que as litteraturas, como as grandes revoluções politicas e religiosas, não surgem de improviso, e que são, pelo contrario, o resultado de constantes e lentas concreções de historia, religião, costume, indole e natureza, em torno da moral, dentro da grande concha das tradições e sob as influencias climatericas, e acção evidentemente modificadora de outras causas de natureza muito complexas.

Desta verdade já ninguem hoje duvida.

E querer negar a influencia que exercem todos os factos exteriores, tanto de ordem physica como moral, sobre as produções do espirito, é ignorar as ultimas conquistas da exegese historica e litteraria, que seguindo os processos modernos tem chegado a resultados, que bem se podem considerar como corollarios do grande principio de que fallamos.

Nos penosos e importantissimos trabalhos dos hellenistas inglezes e orientalistas allemães e francezes, especialmente nas traducções biblicas e estudos dos monumentos da litteratura hebraica, de Renan, já se nota o sulco desta maneira moderna de estudar as obras da litteratura e da arte, rompendo o labyrintho intrincado dos mythos sombriamente mysteriosos e das legendas maravilhosas daquelles povos, sobre quem nada tinhamos de verdadeiramente positivo.

E foi o espirito de Vico, o velho philosopho da historia, que se encarnára no pantheista Herder, e voando com as azas da sua imaginação tudõsea, ia buscar nos longinquos recessos da antiguidade, a philosophia da historia da humanidade, e revestindo-a das formas mais peregrinas de seu estylo de vidente, vinha fazer ás gerações modernas a revelação dos mysterios que deviam fazer para sempre occultos na immobildade silenciosa do symbolo.

E' graças a esse methodo racional de estudar as produções do espirito, classificando-as como em botanica se classifica as plantas, e procurando distinguir nellas, alem da individualidade de seus auctores, a influencia dos tempos e dos factos, que, a critica moderna chegou a determinar completamente o vinculo indissolavel entre a historia, a philosophia e a litteratura, de sorte que, se na historia, como fazia Michelet, pelo profundo e completo conhecimento dos factos e indispensavel auxilio da imaginação, se chega a reconstruir e a reproduzir mesmo uma epocha. — na litteratura, tambem se alcança, com a subtilza esthetica da critica, não só conhecer as phases mais importantes de sua vida politica, moral e religiosa, e ainda mais, a sua maneira de amar e de sentir, de viver e até de sonhar.

Ora, admittida esta estreita relação de dependencia entre a vida, a arte e a litteratura, claro está, que desde que um povo não tenha a sua individualidade completamente determinada, não só em relação á politica, mas principalmente quanto aos costumes, moral e religião; que não tenha uma tradição, já não digo legendaria, porem bastante antiga, para que o poeta, pela imaginação, possa revesti-la com as formas caprichosas da poesia, a sua litteratura não estará definida, porem se resentirá de uma certa instabilidade, até que seguindo a evolução lenta, porem espontanea dos tempos e das coisas, os elementos de sua completa originalidade se vão depondo, na vasta cupola de sua vida social, como esses chrystaes iriantes, cujas formas só ficam definitivamente determinadas depois de uma longa, vagarosa e pacifica sublimação.

Se com estas ideias se quizer entrar no estudo da litteratura brasileira chegaremos á fatal conclusão de que ainda não a temos definitivamente nossa.

E' bom portanto que deixemos se evaporar todo este preconceito estulto de rivalidades nacionaes, e não acreditemos tanto na nossa independencia litteraria, a ponto de já querermos ter mesmo uma lingua especial.

Que a litteratura portugueza ha de ter sempre grande influencia sobre a nossa, qualquer que seja o seu grão de originalidade, não se pode absolutamente negar, attendendo não só a similhaça dos nossos costumes que não são outros senão os portuguezes modificados pelos diversos dados de nossas naturezas physica e moral, das nossas instituições politicas e religiosas e sobre tudo, a lingua, que por mais que preguem e sonhem os reformistas ha de ser sempre a mesma nas duas terras.

E' por causa desta originalidade absoluta, que a litteratura brasileira se vai architectando ainda mais lentamente do que naturalmente devia ir, pois que os escriptores de talento e de individualidade reconhecida, os unicas que consideramos agora, dirigiram os seus estudos para as tradições indigenas, e de lá nos trouxeram obras que serão eternamente bellas, porem que a despeito de toda a sua boa vontade e do respeito que lhe devemos, não podem ser consideradas como pertencendo á nossa litteratura, mas que, quando muito, serão em relação a ella, como relativamente á litteratura allemã são os Menessengers, e outras obras que,

estando ligadas á histeria das raças primitivas, muito pouca relação têm com a vida dos povos actuaes, especialmente quando, como nós, não têm as suas raizes na raça autocthone, e que pelo contrario, somos o producto de uma emigração desgraçadamente desigual.

Ahi é que se deve procurar a nossa originalidade.

Entretanto, muitos destes escriptores, especialmente os mais modernos, reconheceram que não levavam bom rumo, e expurgando-se da mania de quererem formar litteratura *á priori* e portanto artificial, deram-nos algumas obras onde se nota o estudo da nossa vida e do nosso character — mesmo porque a sociedade composta então de elementos mais nacionalmente homogeneos já dava lugar a que o observador distinguisse os primeiros symptomas de transformação, confusos ainda, porém que já eram bastantes para determinar o começo da nossa individualidade.

Neste plano, sim deviam trabalhar porque iriam ajuntando elementos de que faziamos a nossa base, e estudando hoje a nossa historia litteraria, iríamos a mbem conhecendo a vida da nossa sociedade nesses tempos.

Porém, se actualmente, se quizer neste cahos de obras escriptas por autores brasileiros, desde os tempos coloniaes até hoje, escolher aquelles que podem ser considerados como concorrendo para a formação da nossa litteratura, bem poucos são os que pôdem gozar desta honraria, attendendo sobre o desvio de rumos de que já fallamos, um outro desvio que levou brasileiros de talento a serem muito bem considerados como escriptores portuguezes.

Ponha-se para sempre de parte as obras inspiradas nas tradições desses povos que primitivamente habitaram no Brasil, povos que nunca tiveram uma civilisação, que litterariamente não nos podem interessar, porque vivendo uma vida vagabunda e desordenada, tinham costumes humanamente detestaveis e em cuja historia real, o espirito reflectido e são, não pode achár mais do que serios motivos de tristeza e descontentamento, embora a fascinação de que os cercaram o talento e imaginação de muitos poetas movidos por grande nobresa de alma, nos tenham feito, a nós mesmos que escrevemos estas linbas, a sympathisar tantas vezes com a vida d'elles. Porém desses indigenas dos romances e da poesia, que não são mais do que as formas diversas de um falso ideal, falso porque nasceu da comprehensão erronea da vida, das raças primitivas do Brasil, e o que elles foram realmente, ha um abysmo; os indios dos romances e das poesias dos nossos escriptores, estão para os verdadeiros indigenas, como essas formas cambiantes, caprichosas, phantasticas e rapidas dos kaleidoscopos, estão para os pequenos fragmentos de vidro que se movem no fundo do instrumento, com a mobilidade machinalmente exercida pelos seres desorganizados e que mais patenteia a eternidade da inercia.

Consideremos porém as obras cujos assumptos são buscados mesmo entre nós, o havemos de ter o fatal desengano de que, essas mesmas, não preenchem

todas as condições que a boa critica exige para que ellas tenham autonomia litteraria.

Nos escriptores dos tempos coloniaes, não só impera despoticamente a influencia dos livros gregos e latinos, influencia perniciosa, pois além de desviar a attenção das coisas e da natureza esplendidamente bella da terra, e foi isto o peor, encadeia-lhes o genio em um systema cerrado de circulos concentricos de regras abstrusas e anomalias, que foi sempre a peia com que o classismo impedio os impetos do genio; mas ainda predomina a imitação de autores portuguezes, cuja litteratura não era das mais originaes nesses tempos; d'ahi, o nascimento de uma geração litteraria falsamente educada, que só mais tarde teve de desaparecer, deixando entretanto alguns descendentes legitimos.

Só mais tarde apparece o gosto pelo estudo da litteratura franceza, gosto que muito se desenvolve e se propaga, em consequencia das estreitas relações commerciaes que sempre tivemos com este povo e da sympathia natural que sempre lhe tributamos.

Se o facto extraordinario da grande revolução franceza que despertou muito a attenção de todos os povos para o estudo das coisas da França, e se a indole do povo francez muito semelhante á nossa, concorrem para que nós os brasileiros acceitemos de braços abertos além de suas industrias, tambem as suas sciencias, artes, litteratura e philosophia, muito influem neste facto, além da indole meridional da nossa imaginação, que nos leva naturalmente a inspirarmo-nos nos mesmos assumptos, essa lingua malleavel, facil, espirituosa e cujo estudo nos é hoje tão familiar.

Porém essas imitações por mais licitas que fossem litterariamente, pois alguns não passaram das formas e do estylo, ainda assim não podem ser consideradas debaixo do ponto de vista de que nos occupamos, por falta de originalidade e côr local; são litteraria e logicamente impossiveis, por terem sido formadas com o desprezo dos processos naturaes da intelligencia, pois são como esses quadros em que o pintor força a idealisação á precisão geometrica de uma moldura de antemão destinada; estas obras forão feitas contra os preceitos naturaes que exige a harmonia da arte, são portanto estheticamente absurdas; a idéa, diz um grande poeta, já nasce vestida com a forma que lhe compete.

Além de tudo, esses homens, se esqueceram que tinham de estudar uma sociedade inteiramente nova, e que tinha que render homenagem a uma natureza soberanamente bella, e entregaram-se exclusivamente ao estudo da antiguidade, em cujas ruinas a sua imaginação pairava, como a andorinha a adejar sobre o campanario de uma velha igreja.

Não é que eu seja dos que olham desdenhosamente para a antiguidade, onde minh'alma nunca deixará de encontrar uma fonte perene e inesgotavel de poesia e de enlevos, embora os inconoclastas da verdade na sciencia e do bello na arte, não encontrem alli senão *velharias que já prestaram o seu serviço, porém que de nenhuma utilidade são hoje para o beneficio da humanidade: se assim me*

expresso é porque, como já disse, tomei de preferencia os escriptores que empregaram o seu talento na formação da nossa litteratura.

Entretanto perdemos muitos talentos, alguns dos quaes bastante eruditos, para terem bem comprehendido o verdadeiro rumo a seguir e que pelas concepções litterarias mais positivamente elaboradas, inauguraram um movimento litterario, a frente do qual se achavam homens de talento, de imaginação, de gosto, e a quem parecia estar definitivamente destinada a realisação da nossa grande obra.

Ao Dr. Antonio Gonçalves Dias competia de certo o commando destes grandes trabalhadores que morrerão prematuramente—; alma grande e generosa, vontade de ferro, character austero, poeta e artista ao mesmo tempo, sabio e propheta, era elle de certo o patriarcha que com a serenidade do genio nos levaria a nossa *Chanaan* litteraria.

Os prophetas menores eram— Alvares de Azevedo alma apaixonadissima, talento effervescente e cheio de verve, possuindo a melhor aza do poeta o verso, e o estylete do critico — a erudição historica, philosophica e litteraria.

Pena e Almeida— que inauguraram o theatro e o romance nacional.

Castro Alves a inspiração arrebatada, alma feita de luz e de treva, e que achára na unica originalidade que nós temos, segundo um esperançoso escriptor brasileiro, na escravatura, o assumpto para aquellas estrophes de pedra e de bronze, em que ficarão gravadas eternamente os martyrios d'esses desprovidos da liberdade, e a vergonha suprema da nossa sociedade.

Estes foram-se muito cedo de mais— depois foi-se o conselheiro Alencar que foi tambem um dos iniciadores—; hoje existe uma pleiade de moços de talento e de vontade, que á luz das idéas modernaas, muito podem fazer para a realisação da grande obra que só foi definitivamente começada com esses lidadores que já não existem.

A *Revista Americana*, a parte o humilde autor destas linhas, que por muita benevolencia já figura, entre nomes vantajosamente conhecidos, conta entre estes nomes alguns talentos que já deram provas de que podem, na poesia, no theatro e no romance, e que portanto acharão uma occasião muito opportuna, para se manifestarem neste sentido.

Da mocidade cheia de esperanças, de vida, de saber e de talento, não só da côrte, como das provincias, especialmente de S. Paulo, onde ha um pequeno cenaculo que em breve não invejará o de Theophilo Gauthier, muito esperamos.

AO DR. DANTAS BARRETTO

Permitta que contribua para o seu jornal, já que o insiste, com estas fugitivas impressões que me restam, da quadra que já passou, feliz e isenta dos austeros deveres da vida.

A sua idéa de fundar uma revista litteraria, talvez seja estímulo para que eu possa rever alguns trabalhos dispersos, incompletos, truncados pelo tempo, e pelos desgostos.

E' possível que eu, reabrindo o cofre onde encerrei os despojos da mocidade, que me foge, consagre ao passado, onde repousam tantas memorias queridas e santas, algumas horas d'essas que desperdiço na conquista de um futuro enganoso como a miragem.

O passado é a saudade que consola; o futuro a aspiração que mortifica.

Si eu conseguir colleccionar quanto tenho escripto, darei o título unico que merecem essas pobres folhas soltas:—*Horas vagas*.

Não é que eu as tivesse tido alguma vez em minha vida, pois que nunca me deixaram ser moço, e o que escrevi e escrevo n'esse genero, é o fructo dos poucos momentos furtados aos serios labores, que os deveres publicos me impõem; é que os que me lerem precisarão realmente não ter o que lêr.

Corrija o que lhe envio, e com o seu talento, dê alguma luz a este quadro em sombras.

J. A.

HORAS VAGAS

(AS APPARENCIAS ILLUDEM)

Este Rio de Janeiro fornece assumpto para encher bibliothecas de romances. Até eu, pobre provinciano, que é uma especie de gente aqui tão conhecida, esqueci-me de mim mesmo, para apoderar-me de louca paixão por uma mulher, que é um anjo, e que quasi me fez desesperar, tão sinceras e tão fundas foram as emoções que me alvoroçaram o coração.

Passava eu todos os dias do Cattete, onde moro, para a minha obrigação diaria, — o 4º anno de medicina.

A certeza da hora d'aula, tornava invariavel tambem a hora de minha saída. Só o que era muito incerto era a occasião de minha entrada, porque eu não tinha quem me esperasse em casa.

De certa epocha em diante comecei á notar, que justamente á hora em que eu passava, estava postada á janella uma graciosa figura de mulher, que fitava-me com o mais doce dos olhares e a mais exquisita insistencia, desde que eu lhe apparecia até que me sumia no cáes da Gloria.

Era realmente uma mulher bella. Aqui no Rio chamam-se assim as mulheres que já não são meninas, que têm em vez de encantos indiscretos e provocadores como os dezoito annos, essa nobreza altiva e magestosa dos trinta e cinco, que estampa no semblante uma serenidade, que não é melancolica, e antes é terna e suave como a amizade.

Vivo tão aborrecido de só se darem elogios á essas gentis borboletas dos jardins das festas, que as vezes tenho até desejos de só me apaixonar por alguma viuva bem triste e esquiua.

E' exquisito; mas, uma viuva, as vezes me provoca, e acho nessas cores roxas que as enfeitam, o terno encanto das saudades e das perpetuas, e penso que uma mulher assim, ferida pela desgraça do passado, amaria louca e *perpetuamente* a quem lhe fizesse a felicidade do futuro. Respeito nellas um infortunio: mas não posso dominar uma certa emoção doce, que não é nem amor nem amizade, sempre que as vejo pensativas da sua desgraça intima.

A' força de ver todos os dias e ás mesmas horas a interessante creatura de quem fallo, comecei a considerar um habito vel-a todos os dias e no mesmo lugar.

Não exagero: era uma mulher bella na extensão da palavra, e inspirou-se uma paixão tão original e tão poderosa como a mais encantadora e indiscreta menina. Não tinha mais na cutis aquella frescura dos jasmims burrifados pelos rocios da aurora, mais tinha a igualdade argentea dos luares de agosto, ou a consistencia marmorea das estatuas gregas. Os cabellos eram negros como a noite, ou como os olhos ternos e pensativos com que me fitava; a bocca vivia enflorada de um sorriso meigo e doce como um sorriso de mãe; o collo estava sempre encoberto em cambraia branca, mas eu vislumbraia nelle com os olhos de meu singular affecto uma provocação á que eu me apaixonasse perdidamente; o porte era de altivez sem desdens, e ao mesmo tempo de uma magestade que tudo avassallava.

Considerarei perdido meu anno, porque eu não tinha tempo para estudar; minha vida toda era pouca para pensar nessa mulher admiravel, que eu não amava como se ama na minha idade, mas que eu já não podia deixar de ver todos os dias, as mesmas horas do primeiro dia em que a vi.

Não era uma simples paixão; era interesse, curiosidade, sympathy, desejo attractivo, e as vezes até um timido respeito.

Si eu ria-me, quando passava, ella parecia achar graça nisso, e ria-se tambem, mas tão docemente como não o faria melhor minha mãe. Si eu parava diante della, por ter deixado de proposito cahir o meu livro, minha bengalla, ou para accender um charuto, ella acompanhava tudo isto sem perder nada, parecendo antes entender tudo.

Quiz um dia comprimental-a; as pernas cambalearam, ella surprehendeu a timidez de meu movimento, e entrou um pouco para a sacada da janella, para rir-se sem me desapontar, temendo talvez que eu deixasse por isso de passar d'alli om diante pelo mesmo caminho.

Tirei muitas vezes o lenço para enlugar suores que eu não tinha; ella não se enfadava com isso, apesar de me dizerem que um lenço é sempre pretexto para disfarçar ou dizer alguma cousa entre os que se amam.

Eu não sabia mais o que fazer para sahir-me de uma situação tão exquisita, e para decifrar o mysterio que decidamente havia entre mim e essa mulher. Pensei mesmo que ella, tão boa, tão terna naquella harmoniosa expressão de seu rosto, poderia fazer a minha felicidade casando-se commigo.

Que importa? disse-me á mim mesmo, ha tres dias: não se adoram as irmãs mais velhas? porque não se ha de adorar uma esposa nobre, bella, sensivel, que

nos idolatre, embora cinja uma corôa de annos mais pesada do que a nossa? De-mais o coração de uma mulher nunca envelhece, e a alma que ama tem uma ju-ventude perpetua.

Mas como aproximar-me della, como traduzir-lhe este casto affecto, como vencer a distancia entre nós ambos, e tornarmo-nos tão amigos quanto eu pela minha parte suspirava?

Eu não conhecia ninguem; temia tomar informações que fossem mal inter-pretadas; não queria mesmo crear um compromisso que me desse uma celebridade comica na — Gazetilha — do *Jornal do Commercio*. Entretanto tal era o meu de-sejo de aproximar-me desse mysterio de mulher, que resolvi-me um dia á ter um desmaio na porta della. Reciei porem que esse expediente desse lugar á me con-duzirem para o Hospital de Misericordia, e o abandonei.

Hontem o acaso favoreceu-me. Ao passar defronte, vi que as accomodações do pavimento terreo do sobrado estavam com escriptos para alugar. Tive uma inspiração. Atravessei a rua, e, possuido de uma coragem, que eu não sei mesmo de quem tenha herdado, subi as escadas, que pareciam-me longas e escorregadiças como um precipicio.

Bati mansamente na porta, e cada pancada era seguida de um susto, que me punha o coração á bocca. Depois de pequena demora, achei-me em presença da mysteriosa mulher.

— Perdão, minha senhora, disse eu tirando o chapéu e pregando os olhos no chão, — si tomo a liberdade de importunal-a para saber se estas accomodações das lojas do sobrado são para alugar.

Ella não me respondeu, mas abriu a grade, comprimiu uma mola do trinco da porta que dá para a salla, fez-me entrar, e quando volto-me de novo para re-ceber a resposta da minha temeraria empreza, achei-me só!

Foi então que o meu medo cresceu, porque convenci-me por tudo que via em torno de mim, que eu havia tomado a nuvem por Juno. Conheci mesmo quanto eu tinha sido arrojado na minha paixão, e só, trancado em uma sala de luxo immenso, suppuz-me entretanto engaiolado em uma horrorosa prisão, como quem tem de soffrer duro castigo.

Momentos depois, quando eu tinha pela frente uns poucos de pingos de suor de morte, sinto passos, e em seguida uma outra porta abrir-se, e por ella entrar a mulher mysteriosa. Ella aproximou-se de mim, deu-me a mão com um certo af-fecto quasi maternal, acompanhado de um olhar de celeste doçura, e disse-me com voz de deliciosa harmonia:

— Sentemo-nos.

Ella occupou o sofá, e eu uma cadeira de estufa, muito baixa, que lhe ficava ao pé.

— Falle sinceramente, o senhor subio pelo motivo que me deu?

— E porque não? Respondi commovido e pallido.

— Acalme-se. Eu tinha tanto desejo de vel-o assim, bem junto á mim, quasi com a frente inclinada aos meus joelhos, que nem sei agradecer á Deus este bene-ficio depois da desgraça com que ferio-me.

— Mas V. Ex. duvida?...

— Não; pelo contrario acredito que o senhor está loucamente apaixonado por mim.

— E como sabe?

— Precisam acaso os labios fallar, quando essa sua timidez, essa emoção que lhe traz a alma aos olhos, tudo... tudo... me está dizendo com a eloquência pro-pria de sua idade?

— Pois sim, lhe disse, chegando-me mais, e beijando-lhe as mãos; quer que eu falle, que eu diga o que sinto?

— Não, porque sei que me estima.

— Estima?... Diga antes V. Ex. uma paixão, e quem sabe se ur-

— Oh! quanto sou feliz! Era assim mesmo que eu quizera
senhor. Quer saber porque?

...a loucura?
...amada pelo

— Falle V. Ex. por mim, porque advinhou tudo.

— Porque o senhor me ama com o desinteresse de um amigo, de um irmão... (Ella interroupeu-se e proseguiu á muito custo, com uma expressão de voz, que valia uma lagrima)... porque o senhor me ha de amar com o amor de filho.

— Pois sim, resumirei nesse todos os affectos, para tornar mais forte o que tenho por V. Ex.

— Pensou então em possuir-me, em ter-me um dia como sua, á seu lado, como sua esposa ?

— Pensei, é verdade ; e de pensar n'esta felicidade quasi celeste, não sei como não enlouqueci de desejos ou não morri de febre.

— Quer então...

— Que me ame, interrompi cobrindo-lhe novamente as mãos de beijos, sem que ella me repellisse.

— E não vê quando estamos distantes um do outro ?

— E não dizem que o verdadeiro amor acaba com as desigualdades sociaes ? interrompi com ar de queixa.

— Não se offenda commigo ; nossa distancia está nas idades. O seuhor é uma aurora, e eu sou um crepusculo.

— E' a hora do dia que me enche de inspiração.

— E a mim é a que me entristece de saudades.

— Saudades ? De quem ? E' indiscrição perguntal-o ?

Ella ergeu-se livida, com os olhos humidos, e as feições sombriadas de uma tristeza amarga. Caminhou para ao pé de uma mesa que ficava á um canto da sala, sentou-se e disse-me com o tom mais affectuoso, que jamais escutei :

— Venha cá, sente-se aqui, bem junto á mim.

Obedeci, e ella, abrindo um album de retratos, disse-me :— veja si conhece aqui alguem.

Percorri quasi automaticamente a primeira pagina ; quando voltei-a, deparei com o meu retrato.

Como o obteve V. Ex. ? perguntei-lhe cheio da maior surpresa.

— Acha parecido ?

— Mas si é o meu retrato !

— E' tão parecido, e tão perfeito, que me faz chorar agora mesmo comparando-o com o senhor.

E a mulher deste mysterio desatou n'um pranto, que me apagou n'alma a chamma de meus imprudentes affectos, para respeitar n'ella a estatua muda da dôr. Com as lagrimas abundantes que lhe inundaram os olhos, ella tornou-se para mim adoravel como a imagem dos altares.

— Senhor, disse-me ella erguendo-se, isso tudo lhe está parecendo talvez ridiculo, não é verdade ?

— Oh ! não, tudo o que sinto, o que vejo, é sublime como a magestosa belleza...

— Diga antes, interrompeu ella, magestosa dôr... Este retrato é realmente o seu na semelhança, mas o original já não existe.

E novo pranto afogou-lhe os olhos antes de concluir a phrase.

— E' impossivel que eu possa morrer para quem me soube inspirar uma paixão...

— Não prosiga que vai profanar o amor que se deve votar ás mulheres da minha condição, e injuriar a dôr, que a sua physionomia me desperta.

Absorto, sem poder comprehender nada dessa scena de um sublime pathetico, mas que me enleivava n'um mysterio mortificante, perguntei-lhe :

— Mas então esse retrato ?...

— E' de um filho que eu tinha, e que ha um anno morreu !

Ella estava de pé, e proferiu estas ultimas palavras com uma expressão nervosa, secca e magoada, que me fez resspeitar em sua pessoa a *estatua da dôr*.

Curvei-me, beijei-lhe a mão, e nunca mais tornei a vel-a.

MARGARIDA GAUTHIER

Oh, quando outr'ora foste a Hellade das bellas,
A rima escultural da Rimini de Dante,
Tu preferiste á minha uma paixão d'amante,
Ao goso dos salões a *praça* das viellas.

Então, por toda a parte, — á banca, ao restaurante,
A' orgia dos quarteis, á bachanal das células,
Levaste o teu amor, sem leis, como as cadellas,
E foste tudo ainda : — a Bolsa fluctuante !

Agora que te resta um coração, apenas,
Do vil açougue aberto á *élite* das gehenas,
Vens atirar-m'o aos pés, pensando assim, talvez :

« A posta que ficou da carne que não vive !...
Vender ! a quem ?... Vou dal-a a um velho cão que tive. »
— Mas, eu recuso a offerta, infamia das Gauthiers !

FONTOURA XAVIER.

A MUSA MODERNA

Já hoje ninguem canta as pallidas Elviras
Dos castellos feudaes as Marcias desoladas,
Que em noites de luar ouvirão debruçadas
Os descantes febris de apaixonadas lyras.

Do amor já não ha as fumegantes pyras,
Sobre os balcões em flor conversas inspiradas
Vos hoje nem siquer sois coisas já passadas,
E o bom senso vos chama : um cento de mentiras.

Dae agora lugar a Deosa triumphante,
A inspiração moderna, elastica, irritante,
Serena como a luz, pura como as vestaes...

Ella vem irritando a lança do direito,
Escudada na lei calcando o preconceito.
Salve ! beijo do sol dos novos ideaes !

LINS DE ALBUQUERQUE.

CHRONICA

Após os grandes torneios na arena, jogos athleticos, equilibrios maravilhosos, cavallos em pello e *alta-escola*, em que se distinguem os artistas genuinos, chega o *clown* com toda sua comica philosophia, comprimenta o auditorio, fazendo recuar os rins e avançando a cabeça com uma palmada sobre o occiput ao tempo em que atira a perna esquerda para traz, e depois toca ás cabriolas!

Depois que o leitor leu os artigos d'essa Revista, onde a litteratura cavalgou em *alta escola*, depois que já sentiu a força dos pasteis intellectuaes de tantos moços notaveis, vem o mingoado chronista á laia de *clown*, e toma a liberdade de apresentar-se á si proprio, já que ninguem se lembrará nunca de o fazer.

Mas é um *clown* especial: não vem *bigarré*, nem sarapintado, nem bizarro, porque a dignidade da *Revista Americana* não o permite; traz casaca, clacque e pastinhas, é personagem *comme il faut*, experimentado e pae de seus filhos; pae de seus filhos, sim, dos productos de suas vigílias litterarias, que por serem *croquettes* de estylo *rodapifico* nem por isso deixam de constituir um direito de propriedade litteraria bem respeitavel, bem nitido; muito principalmente hoje que os bifadores de *croquettes* não são lidos por larapios, convem accentuar. O chronista será serio e circumspecto, escalavrará o ridiculo methodica e arditosamente, e só terá o riso desbragado quando o dito Ridiculo assumir proporções colossaes, sobrehumanas. Não sendo assim elle contentar-se-ha em rir por dentro; os indicios de que elle ri por dentro, vêm á ser: — respiração curta, tremor nos labios e nas narinas, humedecimento nas pupillas, depressão no abdomen, e um certo grunhido surdo, especial, em *ré* menor, um grunhido *subjectivo*, se assim se póde chamar a cousa.

As interjeições, interrogações e reticencias que lhe salpicam o estylo, são risadas por dentro. Tem, pois, um Democrito latente, mas saberá sofredor-o. Para completar o programma, diz ainda que tem horror ao commum, ao trivial, ao chato; e que á esses prefere mesmo o absurdo, o monstruoso, o fabuloso.

Assim.

Sahirá brevemente á luz um trabalho do Sr. Dr. Lopes Trovão sobre—*Systemas Penitenciarios*—, o qual foi em tempo recusado pela Faculdade de Medicina, quando seu author apresentou-o. Em qualquer outro paiz a 1.^a edição seria tomada de assalto pela mocidade academica; entre nós será preciso mendigar assignaturas para cobrir as custas de impressão. Junto á vitrina da livraria que

expozer o seu livro divisamos nós dois personagens, um macho e outro femêa, casados e cercados de filhotes. Com receio de causar tédio ao leitor, não tentaremos descrever esse par. Será bastante o nomeal-os, e são: o *Sancho Pança* Brasileiro e sua cara metade — a Indifferença. Os filhotes... façam só idéa do que serão os filhotes!...

A *Indifferença* só faz é encolher os hombros, o *Pança* só faz é resmungar: utopias, hyperboles, fogo de palha! E passam, e vão viciando o ambiente com as suas sinistras nihilidades, mui conchos de si.

Nós, porém, que não somos filhotes desses dois lóbregos e nojosos individuos, dizemos ao jovem e talentoso tribuno: Eia, recrutai soldados, cerrai columnas, e — quichotada para o futuro, quichotada para a conquista da verdade!!! Ao *Sancho Pança* administrar-se-ha aquella celebre beberagem que sanava o fidalgo castelhano e que desarranjava horriavelmente o estomago do seu escudeiro.

Quanto aos sabujos que tentarem morder os nossos calcanhares — *quebremos-lhes os dentes com a violencia da phrase, doutor!*...

*
*
*

Emquanto as nossas *notabilidades* litterarias consagradas absorvem-se em lutas politicas e intrigas de partido, o Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga mergulha no pó dos archivos e bibliothecas, para trazer á tona, quando emerge, gemmas de primeira agua empanadas pela indifferença e pelo olvido. Ao regenerador da memoria de Dutra e Mello, nosso applauso enthusiastico e nossa saudação sincera.

*
*
*

Cantava-se esse grande dueto de amor do 4º acto dos Huguenotes.

Cantava-se esta peça para a qual não existem mais adjectivos nos vocabularios classicos. Essa pagina que, ouvida pelos prophetas da Melodia, no immortal concerto, os ralará de inveja pela audaz contra-pontista que lhes roubou o Privilegio.

Porque só o genio de Meyerbeer subjugaria assim a Musa liberrima, alada e caprichosa da Inspiração para server-lhe os mais ardentes e voluptuosos beijos.

Só o genio de Meyerbeer produziria aquelle *duo* prodigiosamente dramatico, em o qual se dá o mais tremendo e angustioso choque:

De um lado o *sentimento do dever*, implacavel e fanatico, em seu maior gráo de intensidade, *sorprehendendo a paixão do amor* inda mais intensa e sublime, e que até então fôra recalçada no fundo do coração, afim de deflagar-se no supremo instante...

A pura escola italiana, tão facil quão inspirada, traduziria esse jôgo de paixões por um *duo de bravura* que se armazenaria em todos os realejos sublimares, e que passaria á posteridade embalado no rythmo insinuante e simples.

Mas o grande Giacomo, para verter em idioma musical aquella situação, dobrou-se na mais espantosa contensão de espirito de que jámais foi capaz um artista; só erguendo a fronte quando se assimilou a *essencia* do drama, quando passava-lhe pelos olhos a procella das paixões evocadas. Messe de grande poeta, de grande historiador, servindo de base ao grande musico.

Eis o que se chama drama musical.

Não é o caso de rouxinol, nem cysne, nem cotovia. E' aguia, que vem desferir notas como nunca ninguém ouviu...

Ora agora que o leitor está sciente do nosso enthusiasmo pela cousa, voltemos á vacca fria. Cantava-se o grande dueto e a situação era mesmo um *abysmo*, como diz o outro. Salta um gato em scena. Incontestavelmente, um gato pulando em o lombo de um *pathetico* d'aquella ordem, faz rir ao mais

gravebundo personagem. O meu visinho da direita, rindo-se com verve, rosnavia fabricitante, quando Raul forma o pulo á janella. « A unha!... O visinho da esquerda, aproveitando-se da hilaridade, dizia ao companheiro! « ó Manduca, isto aqui não paga a pena! Vamos *rinchar* (rinkar) que é mais hygienico...

Ao que o outro retruca á meia voz: « Tu és a minha vergonha... Finge que gostas, senão passas por besta. Eu luto com o somno, mas não dou o braço á torcer. Bravos á Mariana!... » Tudo isso em cadeiras de 1ª classe, é verdade.

Comprehende o leitor que á vista d'isso, pulamos de dilettante á chronista, titillou-nos a veia comica, afrouxou a fibra do enthusiasmo e... canhenho que saia!...

.

Merece uma saudação sincera o emprezario lyrico Sr. Ferrari. Está fóra de toda a contestação o zelo e soffreguidão que este senhor tem tido para bem servir o publico. O que elle não faz é porque está acima de suas forças.

.

Não dizer cousa alguma sobre o thema — *eleição* — em uma chronica actual, é crime de lesa-moda. Por isso sempre diremos que em nossa gaveta existem dois candidatos á assembléa geral, pelo suffragio dos desmiolados. Os seus nomes ???!!! Fiquem só sabendo que ha — intelligencia, saude e aceio. E' o conceito da charada.

.

Na comedia — *Os dominós côr de rosa*, — um successo de arrebentar o cós das calças, e que foi bem desempenhada pela companhia do Cassino (á excepção do Sr. Torres, está visto; o Sr. Furtado só tem o defeito de ser careca; desculpai-nos a sinceridade, oh grande genio... mas... pão, pão... careca, careca) nessa comedia ha um velho gaitero e parasita que arde em desejos de fruir uma grossa pandega, na caixa de um theatro. Depois de tudo combinado, sai-lhe o triumpho ás avessas e o pobre diabo soffre a mais triste mystificação. E toca elle á repetir ao Felipe do *buffet*, meio toldado: « Francamente, Sr. Felipe, eu esperava outra-cousa! »

Se o leitor enfasiado tambem nos exproba d'est'arte, então que vá ao vigario.

U. D.



Um distincto amigo nosso e um dos mais bellos talentos modernos, presenteou-nos com o pequeno romance que hoje publicamos.



REVISTA AMERICANA

SERÁ PUBLICADA DUAS VEZES POR MEZ E CONTERÁ TRINTA E DUAS PAGINAS

PREÇO DA ASSIGNATURA

CORTE E PROVINCIAS

Anno	10\$000
Semestre	5\$000
Trimestre	2\$500
Numero avulso	\$500

A quantia resultante das assignaturas, não só das provincias como desta côrte, deverá ser enviada pelo correio, em carta registrada com valor declarado, pelos respectivos assignantes ou delegados destes, ao Sr. H. Fleiuss na typographia do IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO á rua d'Ajuda n. 61. Ao mesmo estabelecimento deve ser dirigida toda a correspondencia para a redacção.

Assigna-se ainda este periodico na livreria dos Srs. Maia & Ramos, rua de S. José n. 113.